

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA

**O SIGNIFICADO E A IMPORTÂNCIA DO BATISMO PARA O
CRISTIANISMO**

João Gundes de Barros

São Paulo

2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE TEOLOGIA NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO
DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA

**O SIGNIFICADO E A IMPORTÂNCIA DO BATISMO PARA O
CRISTIANISMO**

João Gundes de Barros

**A Deus por permitir minha trajetória até
Aqui. A minha família. Rita (minha esposa)
Gisele, Renata, Marcos Vinicius e Rafael
(Meus filhos)**

São Paulo

2019

Agradecimentos

A Deus por ter me dado saúde para superar todas as dificuldades e por permitir que eu alcançasse os meus objetivos na vida acadêmica.

A esta universidade e seu corpo docente, pela oportunidade de ampliar o meu conhecimento na área da teologia.

Ao Prof. Ms. Marcio Leitão pela orientação, pelo apoio e paciência na elaboração deste trabalho acadêmico e durante todo o curso de teologia.

Aos padres Konrad Korner e Gleidson Luiz pelo suporte e incentivo nesta longa caminhada.

Aos meus colegas de classe, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação.

E finalmente a minha esposa, Rita Mendes da Silva Barros, e aos meus quatro filhos, Gisele, Renata, Marcos Vinicius e Rafael, por todo suporte, apoio e incentivo nas horas difíceis.

Sumário

1.	Introdução	5
2.	A origem do batismo	6
2.1	O ritual de iniciação no antigo testamento.....	7
2.2	A relevância da água no batismo.....	9
2.2.1	Didaqué: o primeiro documento da igreja.....	11
2.3	João Batista e o batismo.....	11
2.4	O batismo de Jesus Cristo	14
3.	O significado e importância do Batismo cristão	15
3.1	Sacramento do Batismo na Tradição da Patrística	15
3.2	O batismo cristão.....	17
3.3	O batismo católico.....	19
3.3.1	Batismo de desejo.....	19
3.3.2	O batismo de crianças.....	20
3.4	O batismo protestante	23
3.4.1	Sacramento do batismo no Luteranismo.....	23
3.4.1.1	O batismo de crianças no Luteranismo.....	26
3.4.2	Sacramento do Batismo na teologia de Zuínglio.....	27
3.4.3	Calvinismo e o Sacramento do Batismo.....	28
3.4.4	Dimensão ecumênica do Batismo.....	30
4	Conclusão	32
5	Bibliografia.....	36

1. Introdução

Baptizo é a palavra grega (βαπτίζω), que deu origem à palavra Batismo, significa imergir, afogar, afundar e assume o sentido de lavar, destruir, purificar. O batismo faz parte dos sacramentos instituídos por Jesus Cristo, conforme consta no livro dos Atos dos Apóstolos e foi celebrado pela primeira vez após a vinda do Espírito Santo. A primeira orientação sobre o batismo foi dada pelo apóstolo Pedro aos ouvintes da catequese; para ele, é por meio da conversão e do batismo que se recebe o dom do Espírito Santo.

Conforme a Bíblia, “Pedro respondeu arrependam-se, e cada um de vocês seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos seus pecados; depois vocês receberão do Pai o dom do Espírito Santo” (At 2,38).

A conversão é um pré-requisito indispensável para a consagração do batismo. O significado da conversão vem da palavra metanoia , que significa mudar o modo de pensar, mudar de ideia ou de opinião. Com isto, o primeiro passo para o batismo é a mudança de mentalidade, ou seja, é a aceitação de Jesus como o Messias. Essa mudança pode ser interpretada nas diversas literaturas como conversão ou arrependimento.

A interpretação de conversão como arrependimento conecta-se ao entendimento de João Batista, que, relaciona a conversão como o “perdão dos pecados” e o batismo como meio para a purificação destes pecados.

O batismo é, portanto, um rito, realizado em diferentes religiões.

Palavras-chaves

Batismo – Sacramento - Ritual de iniciação – Conversão – Perdão dos pecados.

2. A origem do batismo

A história do batismo foi construída e fundamentada baseando-se no desejo do homem de purificar a sua consciência de todos os pecados do mundo. Na história da humanidade, os ritos de abluções, sagrados e pagãos, constituem o que podemos denominar de pré-história do batismo ¹.

Na antiguidade os banhos eram utilizados nos cultos orientais e também nos rituais de iniciação e exorcismo. No Egito antigo, as cerimônias sagradas de purificação eram realizadas nas águas do rio Nilo, do Eufrates ou no mar.

A água é um elemento fundamental do batismo, pois simboliza a vida. A água que lava e vivifica, é o sinal sacramental do batismo.

Nas pesquisas sobre a origem do batismo, surpreendentemente, não são citados textos tradicionais. Isto porque alguns textos tem um grande valor teológico, porém não são considerados como válidos historicamente para conhecer a origem de uma ação eclesial. É o caso de Mateus 28,19. Seu valor teológico consiste em fundamentar a atividade batismal no Ressuscitado, mas dificilmente este texto será utilizado para fundamentação histórica por ser um texto tardio².

As pesquisas mais recentes sobre a origem do batismo descartam toda a derivação de cultos místicos helênicos e orientais, focando nas tradições judaicas. No mundo judeu, o batismo de prosélitos não pode ser considerado como antecessor do batismo cristão, pois existem incertezas em relação à sua data de origem (50 a.C. a 50 d.C.?), além disso era um autobatismo que complementava o rito de circuncisão e era usado somente pelos pagãos que passavam para o judaísmo³.

O batismo realizado pelos essênios também não é considerado um predecessor do batismo cristão, por se tratar de banhos para purificação de uma minoria seleta de judeus, podia ser repetido e não possuía caráter iniciático ⁴.

Segundo Codina e Irarrazal (1991), o batismo de João Batista, parece ser o antecessor imediato do batismo cristão. Era popular e para todos, de penitência e orientado para a comunidade escatológica. É compreensível que a comunidade eclesial primitiva, nascida sob à luz da ressurreição e do Espírito, assumisse o rito batismal como iniciação cristã, uma vez que o mesmo reflete o mistério pascal simbolizado pelo batismo de Jesus no rio Jordão. Esta

¹ GOEDERT, 1987, p.8

² CODINA e IRARRAZAL, 1991, p.55

³ Idem, p.55

⁴ Idem, p.56

foi a forma encontrada pela Igreja de romper a tradição da circuncisão e mostrar a novidade cristã.

2.1 O ritual de iniciação no antigo testamento

De acordo com Goedert (1987), no antigo testamento as purificações estão inseridas num contexto ritual, assumindo o significado de pureza interior e exterior. Ainda conforme o autor, o impuro e o sagrado são transmitidos pelo contato. E neste contexto, a água é utilizada para purificar-se do próprio contato.

As abluções parciais, completas ou de lavagem de vestes eram prescritas para readquirir a pureza, inclusive para viver em contato com os membros da comunidade sem transmitir-lhes a própria impureza. A origem desses ritos de purificação pode ter motivos higiênicos ou de interpretação mágica e animista originárias de culturas anteriores e de uma religiosidade naturalista, incorporada à tradição religiosa judaica ⁵.

As purificações ocupam um lugar de muita importância na Tradição rabínica, essas purificações são conhecidas principalmente por meio dos tratados da MISHNÁ⁶, onde lê-se: “Lavam-se as mãos para comer qualquer alimento profano; mas, para os alimentos que os sacerdotes comem, para os dízimos e os alimentos sagrados, deve-se tomar o banho. No que se refere às águas da purificação, se as mãos se tornam impuras todo corpo é impuro”. A MISHNÁ também faz menção à circuncisão e ao “batismo dos prosélitos”⁷ e, uma vez que se considera todo pagão como impuro, estes devem passar pelo rito de purificação para que possam se juntar ao povo judeu. Diz a MISHNÁ: “[...] Seja circuncidado. Depois de curado, seja batizado por dois rabinos que o instruem sobre os mandamentos. Em seguida, em tudo viva como um israelita”⁸.

Conforme Codina e Irarrazaval (1991), em Israel o símbolo da iniciação, que distinguia os israelitas dos filisteus, era a prática da circuncisão. A origem deste rito não é clara, e ao longo do tempo tanto o rito quanto o seu significado foram evoluindo.

É possível que tenha acontecido em Israel uma iniciação semelhante à de outros povos primitivos: da transição da vida privada e familiar, para a vida pública e social. Esta iniciação consistia em circuncisar os jovens, após uma preparação, e este rito tinha o efeito de transformar jovens em cidadãos maiores de idade ⁸.

⁵ CODINA e IRARRAZVAL, 1991, p.56

⁶ A MISHNÁ (em hebraico משנה, "repetição", do verbo שנה, "shanah, "estudar e revisar") é uma das principais obras do judaísmo rabínico, e a primeira grande redação na forma escrita da tradição oral judaica, chamada a Torá Oral.

⁷ GOEDERT, 1987, p.12

⁸ CODINA e IRARRAZVAL, 1991, p.50

Conforme Gênesis, no exílio a circuncisão dos meninos acontecia no oitavo dia, como condição para pertencer ao povo de Israel e herdar suas promessas.

E a aliança que faço com você e seus futuros descendentes, e que vocês devem observar, é a seguinte: circuncidem todos os homens. Circuncidem a carne do prepúcio. Este será o sinal da aliança entre mim e vocês. Quando completarem oito dias, todos os meninos de cada geração serão circuncidados; também os escravos nascidos em casa ou comprados de estrangeiros, que não sejam da raça de vocês. Circuncidem os escravos nascidos em casa ou comprados. Minha aliança estará marcada na carne de vocês como aliança perpetua. Todo homem não circuncidado, cujo prepúcio não for circuncidado, será afastado do povo de que você, por ter violado a minha aliança. (Gn17,10-14)

Este rito é um sinal visível e carnal da obediência do povo à Javé e sinal da aliança entre Deus e o povo.⁹

Conforme Goedert (1987), a circuncisão assume dimensão espiritual na literatura profética. Jeremias menciona a circuncisão do coração, que consiste na procura de Deus e na fidelidade interior. Sem isso, a circuncisão carnal seria apenas um gesto material.

A circuncisão consiste na retirada completa do prepúcio, prega cutânea que recobre a glândula do pênis, e devia ser completado depois com o conhecimento e observância da lei de Javé¹⁰.

Depois do exílio, a circuncisão foi regulamentada, ressaltando o seu valor simbólico, afim de renovar o pacto da aliança, mas causou conflitos no tempo de perseguição de Antíoco Epífanes, que proibiu o rito perante a pena de morte, “*ordenava que não circuncidassem os filhos e que profanassem a si próprios com todo o tipo de impurezas e abominações, esquecendo a Lei e mudando a todos os costumes. Quem não obedecia à ordem do rei, incorria em pena de morte*”. (1 Mc 48,60)

A circuncisão era, portanto, um legítimo rito de iniciação religiosa que colocava as pessoas junto ao povo de Deus. Porém, sempre existiu a preocupação de que a existência do rito levasse o povo a crer que para pertencer ao povo de Deus bastava o ato exterior e carnal¹¹.

Em Romanos 2, 25-29, fica claro que a circuncisão do prepúcio por si só não é suficiente para que o homem possa pertencer ao povo de Deus.

A circuncisão é útil quando você pratica a Lei; mas, se você desobedece a Lei, é como se não estivesse circuncidado. Se um pagão não circuncidado observa os

⁹ CODINA e IRARRAVAL, 1991, p.50

¹⁰ Idem, p.50

¹¹ Idem, p.51

preceitos da Lei, não será tido como circuncidado, ainda que não o seja? E o pagão que cumpre a Lei, embora não circuncidado fisicamente, julgará você que desobedece a Lei, embora você tenha a Lei escrita e a circuncisão. De fato, aquilo que faz o judeu não é o que se vê, nem é a marca visível na carne que faz a circuncisão. Pelo contrário, o que faz o judeu é aquilo que está escondido, e circuncisão é a do coração; e isso vem do espírito e não da letra da Lei. Tal homem recebe aprovação, não dos homens, mas de Deus. (Rm 2, 25-29).

2.2 A relevância da água no batismo

O testemunho mais antigo referente à bênção da água batismal é de Tertuliano (160-220). Sua obra sobre o batismo, *De Baptismo*, escrita entre os anos 200-205, constitui um dos textos dogmático-polêmicos do autor. É a primeira obra monográfica sobre o batismo cristão de que se tem conhecimento. O capítulo quarto da obra trata da santificação da água pelo Espírito. Nele Tertuliano fala do Espírito que fora chamado para pairar sobre as águas com intuito de santificá-las, remetendo a Gn 1,2. Assim, a água recebeu a santidade do Espírito. Uma vez santificada, ela se torna santificante. A partir disso, Tertuliano fala sobre a bênção da água batismal:

Todas as espécies de água, em virtude da antiga prerrogativa de sua origem, participam do mistério de nossa santificação, pela invocação de Deus sobre elas. Feita a invocação o Espírito vem logo do céu e paira sobre as águas, santifica-as por sua presença e, assim santificadas, se impregnam do poder de santificar por si¹²

Nas igrejas cristãs, no início dos séculos, a água era benta sempre que se celebrava o batismo. Essa prática acontece ainda hoje em algumas igrejas. Segundo Rocchetta (1991), na igreja latina, esta prática foi mantida somente até a alta Idade Média, quando se estabeleceu o uso de pronunciar este tipo de benção apenas nas vigílias de Páscoa e de Pentecostes, e a partir de 1956, apenas na vigília pascal. Na reforma litúrgica instituída pelo Vaticano II ficou definido que, fora do tempo pascal, a água seja benta na própria celebração do sacramento.

Na prece de celebração do sacramento, o celebrante invoca Deus e resgata o seu desígnio de salvação, e então benze a água batismal. Na prece diz: “Ó Deus, por meio dos sinais sacramentais, operas com poder invisível as maravilhas da salvação. E de muitos modos, através dos tempos, preparaste a água, tua criatura, para ser sinal do batismo: desde as origens o teu espírito, pairava sobre as águas, para que

¹² TERTULIANO, 1981, p.24.

contivessem em germe o poder de santificar, e também no dilúvio prefiguraste o batismo para que, hoje como então, a água assinalasse o fim do pecado e o início da nova vida [...]13”.

A prece faz referências às águas do dilúvio, do mar vermelho e do rio Jordão. Em relação as águas do dilúvio, Rocchetta (1991) destaca a analogia que Pedro estabelece entre o dilúvio, a morte de Jesus e o batismo. O ponto em comum dos três momentos bíblicos é a ação *julgadora* de Deus, que destrói o pecado e dá início ao novo. E o que possibilita relacionar o dilúvio com o batismo é a água.

O dilúvio marca o início de uma nova era, de um mundo novo, livre de pecados. O batismo por sua vez, é o mistério da imersão na morte de Jesus e da sua ressurreição, do renascimento através do sacramento da água.

Por sua vez, a referência às águas do mar vermelho, lembrando o momento em que o povo hebreu saiu do Egito através do mar, graças à intervenção de Javé, deriva da tradição cristã explorada no êxodo para descrever o batismo como a passagem da vida antiga para a vida nova e da vitória de Jesus sobre a morte e o pecado. O autor utiliza ainda um texto de São Basílio, que diz: “ *O mar é figura do batismo, já que efetuou a separação do faraó, como este banho do batismo nos liberta da tirania do diabo [...]*” 14.

Na referência sobre as águas do rio Jordão, faz-se um (link) com o Novo Testamento e o batismo de Jesus, testemunhado nos evangelhos sinóticos15.

A nascente do rio Jordão16 fica no Líbano, em Hasbaya, ao lado do Grande Hermon, e junta-se ao lago Hula e ao Tiberíades, até chegar a cerca de 400 metros abaixo do nível do oceano, nas águas turquesas do Mar Morto. Note-se que o rio Jordão é citado aproximadamente duzentas vezes na Bíblia. Pode se dizer que ele desempenha um papel fundamental na Tradição Sagrada da Escritura e, por isso, no imaginário cultural e religioso do mundo judaico. Na época dos hebreus, o rio servia como fronteira entre a Terra Prometida e os povos pagãos. Foi ainda nas águas do rio Jordão que Eliseu pediu a Naamã, comandante do exército Sírio, para ir se purificar sete vezes em suas águas para curar-se da lepra 17.

A água do rio Jordão simboliza, sobretudo, o batismo de Jesus e a unção do Espírito. Este acontecimento é por si só uma tríade, ungiu foi o Pai, quem foi ungido foi o Filho e o foi

13 ROCCHETTA 1991 p 254

14 Basílio de Cesárea, XIV, p.31

15 ROCCHETTA, 1991, p.258

16 Jordão é um nome masculino de origem hebraica. Surge do hebraico Yarden, a partir da palavra yarad, que significa “descer”, “correr”, “fluir”.

17 PETITFILS, 2015, p.26-27

no Espírito, que é a própria unção. O batismo é, portanto, a santificação e missão no Espírito de Jesus Cristo¹⁸.

2.2.1 Didaqué: o primeiro documento da igreja

A Doutrina dos Apóstolos ou Didaqué, é composta por 16 capítulos com conteúdo diversificado. Demonstra o período crítico dentro da igreja primitiva, ou seja, a luta pela separação do cristianismo do judaísmo. Neste contexto, o batismo tornou-se um compromisso rígido dos cristãos para com Deus¹⁹. O livro sete é dedicado a celebração da Vida, ou seja, ao batismo, e descreve como proceder para realização do sacramento:

Quanto ao batismo, procedam assim: Depois de ditas todas essas coisas, batizem em água corrente, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Se você não tem água corrente, batize em outra água; se não puder batizar em água fria, faça-o em água quente. Na falta de uma e outra, derrame três vezes água sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo²⁰.

2.3 João Batista e o batismo

João Batista nasceu em Ain Karim, próximo a Jerusalém, e, de acordo com o evangelho de São Lucas, era filho do sacerdote Zacarias e de Isabel, descendente de Aarão. *“Os dois eram justos diante de Deus: obedeciam fielmente a todos os mandamentos e ordens do Senhor. Não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e os dois já eram de idade avançada”* (Lc 1, 6-7).

Segundo Lucas, o nascimento de João foi anunciado pelo anjo Gabriel, enviado por Deus. *“Certa ocasião, Zacarias fazia o serviço religioso no Templo”. “Então apareceu a Zacarias um anjo do Senhor”. “Mas o anjo disse: Não tenha medo, Zacarias! Deus ouviu seu pedido, e sua esposa vai ter um filho e você lhe dará o nome de João”* (Lc 1,8-11-13).

Zacarias era sacerdote prudente e desconfiado, não conseguia sequer pronunciar as palavras da benção que recebera. *“Algum tempo depois, sua esposa Isabel ficou grávida, e se escondeu durante cinco meses. Ela dizia: Eis o que o Senhor fez por mim, nos dias em que ele se dignou tirar-me da humilhação pública!”* (Lc 1,24-25). Os dias eram longos entre o sacerdote mudo e sua esposa idosa. A visita de Maria à velha prima vai merecer para sempre o nome de visitação, e a própria Isabel tomada de profunda emoção, *“com um grande grito*

¹⁸ ROCCHETTA, 1991, p.258

¹⁹ GOEDERT, 1987, p.35

²⁰ Didaqué, 2013, p.19

exclamou: Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre” (Lc 1,42). Isabel foi a primeira a reconhecer que Maria levava no ventre um menino vindo do alto: o próprio Senhor. Maria ficou com a prima cerca de três meses, segundo o evangelho (Lc 1,56), e terminando para Isabel o tempo de gravidez ela deu à luz. No oitavo dia, foram circuncidar o menino e o queriam chamar pelo nome de seu pai, Zacarias. Mas, sua mãe interveio para que ele fosse chamado de João. O evangelho não explica como Isabel tomou conhecimento do nome, mas é possível que Zacarias tenha escrito o nome para lhe informar²¹.

Passados anos do seu nascimento, fala-se da juventude de João Batista em um único versículo: *“O menino ia crescendo e ficando forte de Espírito. João viveu no deserto, até o dia em que se manifestou a Israel”* (Lc 1,80). Documentos de Qumran inspiraram Brownlee²² (1955) à seguinte hipótese, retomada por Daniélou²³ em 1964: Zacarias, próximo da comunidade dos filhos de Sadoc, situada no deserto próximo ao Mar Morto, teria confiado o menino aos monges, que adotavam os filhos dos outros, na idade em que o espírito brando deixa-se facilmente penetrar por seus ensinamentos. O estranho versículo final (Lc 1,80) teria então sentido óbvio, pois João teria realmente passado sua infância na comunidade de Qumran, a noroeste do Mar Morto²⁴.

João era solitário e não fundou comunidade organizada. Falava ao povo como profeta e não como fundador de uma comunidade, e seu batismo era dado uma vez, pois não era um mero batismo de pureza como o de Qumran. Lucas situa um grande número de referências ao momento em que o mistério de João se organiza e se torna público, todos estes dados situam-se no ano 28 d.C. Lucas descreve assim os acontecimentos: *“Foi nesse tempo que Deus enviou sua palavra a João, filho de Zacarias, no deserto. E João percorria toda a região do rio Jordão, pregando um batismo de conversão para o perdão dos pecados”* (Lc 3,2-3).

E foi assim que João Batista apareceu no deserto pregando um batismo de conversão para o perdão dos pecados. Toda região da Judeia e todos os moradores de Jerusalém iam ao encontro de João. Confessando os seus pecados, e João os batizava no rio Jordão. (Mc 1:4,5)²⁵

A autoridade dos Judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e Levitas (Jo 1,19), os enviados perguntaram:

²¹ LAURENTIN, 2007, p.30

²² Brownlee, W.H. John the Baptist, in the New Light of Ancient Scrolls, Interpretation, 1955. O autor sustenta que João Batista passou sua infância no deserto segundo Lc 1,80, na comunidade de Qumran.

²³ Daniélou, J. Jean Baptist, témoin de l’Agneau. Paris, Le Seuil, 1964. Avalia os contatos de João com Qumran.

²⁴ LAURENTIN, 2007, p.40

²⁵ BIBLIA SAGRADA, Edição Pastoral, 1990

Este foi o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para perguntar-lhe: Quem és tu? Ele fez esta declaração que confirmou sem hesitar: Eu não sou o Cristo. Pois, então, quem és?, perguntaram-lhe eles. És tu Elias? Disse ele: Não o sou. És tu o profeta? Ele respondeu: Não. Perguntaram-lhe de novo: Dize-nos, afinal, quem és, para que possamos dar uma resposta aos que nos enviaram. Que dizes de ti mesmo? Ele respondeu: Eu sou a voz que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como o disse o profeta {Is 40,3}. (Jo 1,19-23)

Nem sequer diz: “Eu sou Profeta”. Ele não passa de um instrumento muito relativo nas mãos de Deus. *“Então, por que é que você batiza, se não é o Messias, nem Elias, nem o Profeta? João respondeu: Eu batizo com água, mas no meio de vocês existe alguém que vocês não conhecem, e que vem depois de mim. Eu não mereço nem sequer desamarrar a correia das sandálias dele”* (Jo 1,25-27). A esta altura, João desvenda sua missão. Ele é o precursor. Assim nos relata Lucas no fim do seu discurso sobre o Messias que espera: *“Eu batizo vocês com água ,para a conversão, mas aquele que vem depois de mim é mais forte do que eu. E eu não sou digno nem de tirar-lhe as sandálias . Ele é quem batizará vocês com o Espírito Santo e com fogo .”(Mt 3,11)*²⁶

João não conhecia Jesus, que é seu primo, segundo Lucas (Lc 1,36). Então, estaria Lucas enganado? Não. O quarto evangelho fala aqui muitas vezes como uma linguagem espiritual. João Batista conhece o seu primo, mas não como o Messias nem como o Senhor.

Ora, naqueles dias veio Jesus de Nazaré, da Galiléia, e foi batizado por João no Jordão. No momento em que Jesus saía da água, João viu os céus abertos e descer o Espírito em forma de pomba sobre ele. E ouviu-se dos céus uma voz: "Tu és o meu Filho muito amado; em ti ponho minha afeição." (Mc 1,9-11)

O batismo de Jesus marca o fim da vida oculta. O Espírito Santo desceu sobre a Terra para que Jesus se desvelasse e realizasse sua missão divina. O Pai o reconheceu na presença do último dos profetas²⁷.

2.4 O batismo de Jesus Cristo

²⁶ BÍBLIA SAGRADA, Edição Pastoral , 1990

²⁷ LAURENTIN, 2007, p.73

O batismo de Jesus por João Batista é de suma importância, tanto para catequese primitiva, quanto para a teologia patrística, como pode-se deduzir em diversas referências da bíblia²⁸. Como por exemplo, em (Mt 3, 13-17) :

Jesus foi da Galileia para o rio Jordão, a fim de se encontrar com João, e ser batizado por ele. Mas João procurava impedi-lo, dizendo: “Sou eu que devo ser batizado por ti, e tu vens a mim? ” Jesus, porém, lhe respondeu: “Por enquanto deixe como está! Por que devemos cumprir toda a justiça. ” E João concordou.

Depois de ser batizado, Jesus logo saiu da água. Então o céu se abriu, Jesus viu o Espírito de Deus, descendo como pomba e pousando sobre ele. E do céu veio uma voz dizendo: “Este é o meu filho amado, que muito me agrada. ”

Segundo Goedert (1987), o evangelho de João também faz referência a seu respeito, quando apresenta o Batista como a testemunha principal da missão do Senhor no evangelho segundo João 1, 32-34: *“E João testemunhou: Eu vi o Espírito descer do céu, como uma pomba, e pousar sobre ele. Eu também não o conhecia. Aquele que me enviou para batizar com água, foi ele quem me disse: ‘Aquele sobre quem você vir o Espírito descer e pousar, esse é quem batiza com o Espírito Santo’. E eu vi, e dou testemunho de que este é o Filho de Deus. ”*

É necessário descobrir as intenções de Jesus ao submeter-se ao batismo da Igreja primitiva ao narrar o fato. Dentre as dimensões teológicas do batismo de Cristo, evidencia-se a solidariedade com os homens. Mateus deixa claro que Jesus não precisa ser batizado, mas o recebe para assumir o seu mistério de Filho e Servo de Deus, cumprindo integralmente a vontade do Pai 29 .

O batismo de Jesus no rio Jordão anuncia e prepara o batismo que acontecerá na cruz, estabelecendo sua vida pública entre dois batismos. Por meio do batismo, Jesus é aclamado como o Messias e Servo de Iahweh, conforme preconizado por (Is 42,1): *“Vejam o meu servo, a quem eu sustento: ele é o meu escolhido, nele tenho o meu agrado. Eu coloquei sobre ele o meu espírito, para que promova o direito entre as nações. ”*

De acordo com Goedert (1987), “Na paixão se cumprirá, portanto, o que agora no batismo a solidariedade com o pecado do mundo havia apenas significado: é necessário que ele cumpra a ‘justiça’ salvífica de Deus que preside o plano da

²⁸ GOEDERT, 1987, p.18

²⁹ GOEDERT, 1987, p.18

salvação. A missão de Jesus é a cruz: tudo o que fizer deve ser visto à luz da cruz, porque é por ela orientado e nela se sintetiza como um cume. 30”.

O batismo de Jesus é o início da sua libertação, por isto a comunidade primitiva o associa à ressurreição. A descida do Espírito Santo sobre Jesus faz eco às profecias e anuncia Pentecostes, inaugurando o batismo no Espírito, para a Igreja e todos os que entrarem nela³¹.

Considera-se que o batismo de Jesus no rio Jordão significa a nomeação dele como Profeta, Sacerdote e Servo. E expressa ainda a plenitude do Espírito Santo.

3. O significado e importância do Batismo cristão

3.1 Sacramento do Batismo na Tradição da Patrística

As catequese batismais foram amplamente desenvolvidas pelos Padres da Igreja, nos séculos IV e V, um período central para a literatura patrística. O século IV, por exemplo, é chamado "idade de ouro" da catequese batismal'. No entanto, o tornar-se cristão ou cristã requer tempo e preparo. Para acolher as pessoas que foram despertadas na fé e instruí-las até se tornarem fiéis por meio dos sacramentos da fé, a igreja dos séculos II ao V organizou o catecumenato. O catecumenato era um processo de formação dividido em etapas. A igreja missionária dos séculos II e III exigia das pessoas "iniciantes na fé" um longo tempo de preparo, visando uma conversão sincera e total mudança de vida. A Tradição apostólica de Hipólito de Roma (ano de 215) previa três anos de catecumenato

É certo que a Igreja Antiga e Medieval, além do batismo e da Ceia do Senhor, conhecia muitos outros atos sagrados igualmente chamados de Sacramentos, que ao longo da história chegou a doze, as Igrejas de Roma e Ortodoxa acabaram por admitir sete, enquanto as Igreja da Reforma reconheceram apenas dois; Batismo e Ceia do Senhor.

Na Didaqué, um escrito dos primórdios do cristianismo, encontram-se instruções sobre o batismo, onde o batismo é realizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, com água corrente e, em caso da insuficiência desta, por efusão. São Justino de Roma, martirizado por volta de (165), considerou o batismo como um banho de regeneração e iluminação. Pelo banho de regeneração, como que também nós fomos regenerados, eles são regenerados , pois então tomam , na água, o banho em nome de Deus , Pai soberano do universo , e do Senhor Jesus Cristo , e do Espírito Santo .

³⁰ Cullmann, 1948, p.15

³¹ GOEDERT, 1987, p.18

São Cirilo de Jerusalém , em sua concepção quanto ao batismo , pode ser chamado de realista , pois não apenas concede remissão dos pecados , mas também a Graça da adoção de filhos e o dom do Espírito Santo . Cirilo é considerado um catequista de renome. Ele é conhecido por suas 24 catequeses, um "tesouro da antiguidade cristã . Essas catequeses são um testemunho da intensa preparação catequética que se dava às pessoas que se inscreviam para o batismo, no século IV. As pessoas que queriam tornar-se cristãs, se apresentavam, na comunidade reunida, uma a uma, diante do bispo, acompanhadas de um padrinho ou de uma madrinha. O bispo interrogava o padrinho ou a madrinha, testemunhas dignas de fé, sobre a vida dos candidatos e candidatas e a sinceridade de sua conversão.

Cirilo iniciava a instrução catequética no primeiro domingo da Quaresma e continuava todos os dias, menos aos sábados e domingos, durante o período quaresmal inteiro. O ponto culminante do catecumenato quaresmal era a celebração do batismo.

Ambrósio de Milão (397) , sobre o batismo escreveu : “Escuta o que diz a Escritura , ou melhor o Filho de Deus : os fariseus , que não quiseram ser batizados com o batismo de João , desprezaram o desígnio de Deus (Lc 7,30) . O batismo é um desígnio de Deus.

De fato, em Roma se diz que são fiéis aqueles que foram batizados e nosso pai Abraão foi justificado pela fé e não pelas obras. Recebestes o batismo e crestes. Naamã era leproso (cf. 2Rs 5,1-14). Uma menina disse à mulher dele: “Se o meu senhor quer ser purificado, dirija-se à terra de Israel e aí encontrará aquele que pode tirar-lhe a lepra”.. Ele começou a refletir e disse: “Isso é tudo? Eu vim da Síria até à terra judaica e me é dito: Vai ao Jordão, entra na água e ficarás curado? Como se não existissem rios melhores em minha pátria!” Os servos lhe disseram: “Senhor, por que não fazes como o profeta disse? Faze isso e experimenta”. Então ele foi ao Jordão, entrou na água e saiu curado. A água não cura, a não ser que o Espírito Santo tenha descido e consagrado essa água.

Então por que Cristo desceu, senão para que esta carne fosse purificada, a carne que ele assumiu de nossa condição? Não era necessário para Cristo a ablução dos seus pecados, pois “ele não cometeu pecados” (1Pd 2,22), mas era necessária para nós, pois permanecemos submissos ao pecado. Cristo desceu, e João estava aí batizando. Eis que o Espírito Santo desceu como pomba. Não foi uma pomba que desceu, mas algo como uma pomba (Jo 1,32). Lembrete, pois, do que eu disse: Cristo assumiu uma carne não como se fosse carne, mas a realidade desta carne; Cristo assumiu verdadeiramente uma carne. O Espírito Santo, porém, desceu do céu sob a aparência de pomba, não na realidade de uma pomba, mas na aparência de uma pomba. João viu e creu.

No dilúvio, houve uma figura antecipada do batismo. O que é o dilúvio, senão o meio pelo qual o justo é preservado para semear a justiça e fazer morrer o pecado? Há muitos tipos de batismo, mas há um só batismo, clama o Apóstolo (Ef 4,5). ³²Por quê? Existem os batismos dos pagãos, mas não são batismos. São abluções, mas não podem ser batismos. Lava-se a carne, mas não se desfaz a culpa; antes, contrai-se a culpa com essa ablução. Portanto, tens aqui um batismo, outro no dilúvio. Tens um terceiro tipo quando os pais foram batizados no mar Vermelho. Tens um quarto tipo na piscina, quando a água se agitava. Agora te consulto se deves crer que tens a presença da Trindade nesse batismo, com o qual Cristo batiza na Igreja.

O Senhor Jesus diz a mesma coisa aos apóstolos no seu Evangelho: “Ide, batizai os povos em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19) Essa é a palavra do Salvador. Assim, portanto, o Pai perdoa o pecado, assim o Filho perdoa e assim também o Espírito Santo. Não te admires de que sejamos batizados num só nome, isto é, “em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28,19). Todo aquele que é batizado, é batizado na morte de Jesus (Rm 6,5). O que significa na morte? Significa que, assim como Cristo morre, também tu sentirás o gosto da morte; assim, como Cristo morreu para o pecado e vive para Deus, também tu morrerás para as antigas atrações dos pecados pelo sacramento do batismo e ressuscitarás pela graça de Cristo. Portanto, o homem se reconhece ao procurar refúgio no batismo de Cristo.

Santo Agostinho (354-430) , ele define sacramento como sinal sensível de uma coisa sagrada , ele também defende que a dignidade do sacramento, não depende da dignidade do ministrante , pois “ a graça e o sacramento de Deus são sempre de Deus” ³³

3.2 O batismo cristão

Existem vários documentos antigos que tratam do entendimento do batismo pelos cristãos nos primeiros séculos. Conforme esses escritos o batismo tinha o sentido de:

1. Romper com a vida antiga, no pecado: deixar de servir os interesses do Império para servir aos irmãos;
2. Aderir à comunidade de fé: somente por meio da comunhão poder-se-ia testemunhar a vitória de Jesus sobre a morte e o medo;

³² ROCCHETTE, 1991, p 256 a 259

³³ KLEIN, 2005 ,p 21-27

3. Renascer, passar da morte à vida, participando com Jesus na cruz e ressurreição: compromisso com a opção de Jesus pelo povo;
4. Iniciar a vida cristã: deixar o medo e anunciar o amor, sem limites, de Deus ³⁴.

No ano de 380, o cristianismo passa a ser a religião oficial do Império Romano. A religião que antes era perseguida, agora passa a ser defendida pelo Governo. O cristianismo perdeu muito de sua força profética ao se aliar ao poder político, pessoas passaram a querer o batismo para estar de acordo com o poder político. As ideias primeiras cristãs a respeito do batismo continuavam vivas, mas as mudanças na sociedade evidenciavam outras maneiras de entender o batismo:

1. O batismo como salvação: o batismo aproxima o batizado de Deus;
2. O batismo como salvação da alma: na cultura romana a alma era considerada como de origem divina e o corpo era impuro, por isto só importava a salvação da alma.
3. O batismo como meio de pertencer a sociedade: na época da cristandade, quem não era batizado era tido como inimigo do Estado³⁵.

Na era da globalização, séculos XX e XXI, a igreja já não se identifica mais com o poder e a sociedade conquista sua autonomia em relação a igreja. As pessoas possuem diversas opções religiosas e o cristianismo passa a ser uma, entre tantas outras religiões³⁶.

A cultura do povo neste novo cenário acabou ensinando coisas sobre o batismo que nem sempre correspondem ao Evangelho. Durante muito tempo, ser cristão e cidadão era quase a mesma coisa, porém no contexto do século XXI é possível ser cidadão e não pertencer a igreja ³⁷.

À mercê de conclusões precipitadas e superstições, criou-se em torno do batismo uma crença de que quem é batizado não fica doente e não morre, porém Donzellini reforça a ideia de que o batismo não é remédio, e, sim, compromisso.

Compromisso este que não pode ser confundido com um ato social, o batismo não é uma festa para celebração do nascimento de um filho ou apresentação do bebê à comunidade. As famílias se antecipam ao nascimento da criança e já planejam o batizado e escolhem os padrinhos. Porém, quando são lembradas do compromisso que o batismo exige, pela comunidade, têm dificuldades de aceitar. O batismo não é uma obrigação, é um rito para a

³⁴ DONZELLINI, 2016, p.52

³⁵ Idem , p.56-58

³⁶ Idem , p.67

³⁷ Idem , p.67

iniciação na vida cristã. Os pais cristãos tem por obrigação educar os filhos na fé, mas isto não se resume a apenas este sacramento³⁸.

3.3 O batismo católico

No Catolicismo existem três sacramentos que, juntos, confirmam o indivíduo como católico pertencente à igreja. O primeiro é o batismo, ainda nos primeiros anos de vida da criança é realizada uma cerimônia em que um ministro da igreja faz o sinal da cruz sobre a criança, unge seu peito com óleo e derrama água sagrada sobre sua cabeça. O segundo sacramento é o da comunhão e o terceiro é o da crisma.

Escritura Sagrada afirma que não há outro caminho de salvação a não ser o caminho de Cristo. A igreja católica confirma no Concílio de Trento que o batismo é necessário para a salvação. A igreja como é tida como comunidade salvífica, uma vez que Cristo, o Salvador, é cabeça da Igreja e a salvação é provida pelo Espírito Santo enviado por Cristo, sendo assim, o entendimento é que somente aquele que pertence a igreja será salvo e a porta de entrada para a Igreja é o batismo³⁹.

Goedert (1987) lembra que, diante da absoluta necessidade do batismo, surge a questão do batismo de sangue e do batismo do desejo. A necessidade de purificação pela água não é absoluta, uma vez que a Igreja admite a validade do martírio e do desejo como formas de batismo.

3.3.1 Batismo de desejo

O que se encontra na Bíblia sobre o batismo do desejo são apenas insinuações, como no texto de Lucas que cita uma mulher conhecida na cidade por ser pecadora: *“Por essa razão, eu declaro a você: os muitos pecados que ela cometeu estão perdoados, porque ela demonstrou muito amor. Aquele a quem foi perdoado pouco, demonstra pouco amor”* (Lc 7, 47-48).

Na Idade Média, muitos teólogos acreditavam que os povos que jamais tiveram acesso ao evangelho de Jesus, viviam na mesma situação salvífica que a humanidade antes da encarnação de Cristo, e a sua fé em Deus era interpretada como batismo do desejo. A ideia do batismo do desejo é confirmada formalmente pela Igreja Católica na carta de Pio XII ao

³⁸ DONZELLINI, 2016, p.69

³⁹ GOEDERT, 1987, p.71

Cardeal Cushing, em 1949. Na carta o papa explica o sentido teológico da máxima “fora da igreja não há salvação”. Em certas situações, especificadas no texto, fica claro que para salvar-se basta um desejo implícito do batismo e com ele um desejo implícito da Igreja, desde que inspirado pela fé ⁴⁰.

Conforme Goedert (1987), o conceito de batismo do desejo entende que é possível tornar a existência de uma ação salvífica e santificadora de Jesus na humanidade, fora dos limites visíveis da Igreja. Já que Cristo é o sacramento fundamental fora do qual não há salvação.

O batismo de desejo é um caminho para a salvação e para que este caminho seja possível são necessárias atitudes semelhantes àsquelas provenientes da fé, da esperança, e da caridade. E estes requisitos são primordiais para a salvação de qualquer pessoa ⁴¹.

3.3.2 O batismo de crianças

Por nascerem com uma natureza humana decaída e manchada pelo pecado original, também as crianças precisam do novo nascimento no Batismo. A prática de batizar as crianças é uma tradição imemorial da Igreja. É atestada explicitamente desde o século II. Mas é bem possível que desde o início da pregação apostólica, quando “casas” inteiras receberam o Batismo, também se tenha batizado as crianças.(cf At 16,15). Desde os tempos mais antigos, o Batismo é administrado às crianças, pois é uma graça e um dom de Deus que não supõe méritos humanos; as crianças são batizadas na fé da Igreja.⁴² Orígenes (séc. III): “A Igreja recebeu dos Apóstolos a Tradição de dar o Batismo também aos recém-nascidos.” São Cipriano (séc. III): “Do Batismo e da graça não devemos afastar as crianças.”

Cân. 867 — § 1. Os pais têm obrigação de procurar que as crianças sejam batizadas dentro das primeiras semanas; logo após o nascimento, ou até antes deste, vão ter com o pároco, peçam-lhe o sacramento para o filho e preparem-se devidamente para ele.

Em Tertuliano (aproximadamente 160 a 220) encontramos menção de uma terceira pessoa participando no processo batismal. À medida que o cristianismo se expandia, atraindo grande número de pessoas, o papel desse padrinho ou dessa madrinha tornava-se sempre mais importante. Para a inscrição ao batismo passou a ser necessária a indicação por parte de um membro da comunidade, cuja função era atestar a idoneidade da pessoa solicitante e acompanhá-la ao longo de sua iniciação. Na prática vigente em nossos dias, é comum as

⁴⁰ GOEDERT, 1987, p.71

⁴¹ Idem , p.73

⁴² CIC 2000 p. 348-355

famílias procurarem, como padrinhos e madrinhas de seus filhos e filhas, pessoas que não são escolhidas pelo que podem contribuir para a vivência de fé da criança a ser batizada, mas muito mais pela capacidade de emprestar prestígio ou de proporcionar auxílio material e social, em caso de necessidade.⁴³

Muitas religiões possuem ritos que precedem e seguem o nascimento de um bebê, dentre os ritos que antecedem é possível citar a abstenção de certos alimentos pelos pais ou o consumo de outros alimentos, ou ainda jejuns. Em relação aos ritos que seguem o nascimento, pode se considerar a passagem pela porta (símbolo da vida que brota da morte e da morte que conduz a vida) e o uso da mesma faca para cortar o cordão umbilical e realizar a circuncisão⁴⁴.

Existem ainda ritos ligados à água como princípio da vida ou como meio de purificação e transformação, e ritos ligados a terra. Os romanos, por exemplo, colocavam o bebê recém-nascido sobre a terra. Na Indonésia, existe um ritual em que a criança deita sobre a terra para exprimir uma relação materna com a vida⁴⁵.

Os judeus costumeiramente faziam abluções em determinadas ocasiões da vida e atribuíam a estas lavagens com água um significado de purificação. No início do cristianismo, aqueles que aderiam à Igreja eram, em sua grande maioria, adultos. Sua entrada na comunidade era precedida de uma preparação, longa, chamada de “catecumenato”, onde recebiam orientações sobre os conteúdos da fé cristã⁴⁶.

O próprio Jesus Cristo se submeteu ao rito penitencial do batismo realizado por João Batista às margens do rio Jordão em idade adulta⁴⁷.

De acordo com a Bíblia, uma noite Jesus recebeu a visita de um dirigente judeu com nome de Nicodemos, um homem sincero, religioso e que desejava conhecer a verdade⁴⁸.

Conforme o evangelho de São João:

Entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos. Era um judeu importante. Ele foi encontrar-se de noite com Jesus e disse: “Rabi, sabemos que tu és um Mestre vindo da parte de Deus. Realmente, ninguém pode realizar os sinais que tu fazes, se Deus não está com ele”. Jesus respondeu: “Eu garanto a você se alguém não nasce de novo, não poderá ver o Reino de Deus”. Nicodemos disse: “Como é que um homem pode nascer de novo, se já é velho? Poderá entrar outra vez no ventre de sua mãe e nascer?” Jesus respondeu: “Eu garanto a você: ninguém pode entrar no Reino

⁴³ KIRST, 2008 p 40

⁴⁴ GOEDERT, 1987, p.74

⁴⁵ Idem, p.74

⁴⁶ ESTÉVEZ, 2013, p.15-16

⁴⁷ Idem, p.10-11

⁴⁸ Idem, p.11

de Deus, se não nasce da água e do Espírito. Quem nasce da carne é carne, quem nasce do Espírito é espírito. Não se espante se eu digo que é preciso vocês nascerem de novo (Jo 3, 1-7).

Jesus inicia a catequese a Nicodemos explicando-lhe sobre a vida nova, um novo modo de conceber a vida, pois se trata da vida que vem do Espírito Santo e se opõe a concepção carnal da existência. Nascer nesta nova vida é obra do Espírito e se materializa pelo sacramento do Batismo ⁴⁹.

Com o passar do tempo, tornou-se comum a presença de famílias inteiras cujo todos os membros eram cristãos e constituíam uma sólida garantia de que as crianças seriam educadas na fé cristã. Assim, iniciou-se a prática de batizar as crianças ainda pequenas ⁵⁰.

Segundo Goedert (1987), os ritos em torno do nascimento de uma criança são fundamentalmente comunitários, ou seja, não são apenas para as famílias, mas para a comunidade que acolhe um novo membro. As crianças são batizadas na fé da Igreja e esta fé é legitimada pelos pais e padrinhos, e também por todos os presentes na celebração do batismo.

São Tomás defende que, pelo fato de a criança ser batizada ela está destinada, por vontade da Igreja, a receber a eucaristia. A Igreja que crê no batismo pela criança, sendo assim, por ela deseja a eucaristia ⁵¹.

Nas palavras de Donzellini (2016), a infância é o período em que a pessoa está se adaptando ao mundo, descobrindo as maravilhas da criação e as limitações. É um momento de aprendizagem intensa.

É preciso que os pais estejam atentos ao desenvolvimento da criança, apoiando-a na descoberta do mundo. Os pais são os primeiros catequistas da criança e comunicam a sua fé aos filhos, assim como comunicam todo conhecimento que possuem ⁵².

O batismo não é um banho qualquer e não deve ser dado aos filhos pelos pais sem a atenção devida. Conforme Donzellini (2016), quando os pais não têm fé para comunicar aos filhos, não há motivo para batizá-los. O batismo de uma criança deve ser sustentado pelo batismo autêntico dos pais. Jesus dizia aos doentes que curava: “tua fé te salvou”(Mc 5, 34). Deus não dá a graça a quem tem fé.

⁴⁹ ESTÉVEZ, 2013, p.11

⁵⁰ Idem, p. 16

⁵¹ GOEDERT, 1987, p.75

⁵² Idem, p.75

A criança batizada dispõe das consequências do batismo, sendo assim, será chamada de filha de Deus, fará parte da Igreja, passará da morte para a vida e assumirá o compromisso com o Reino ⁵³.

3.4 O batismo protestante

3.4.1 Sacramento do batismo no Luteranismo

Martinho Lutero nasceu em 1483, em uma pequena cidade na Alemanha central. Seus pais, Hans Luther e Margarete Ziegler Luther, eram camponeses, de origem humilde. Ao atingir a idade de quatorze anos, Lutero despediu-se de seus pais e irmãos, viajando para Magdeburgo, pois era desejo de seu pai que ele tivesse um excelente preparo para o seu futuro. Completados quatro anos em Eisenach, Lutero, agora com dezoito anos, matriculou-se na Universidade de Erfurt, seguiu os estudos e em 1501, ingressou na Universidade de Erfurt, onde recebeu o apelido de “O Filósofo”. Graduou-se bacharel no ano seguinte, e em 1505 concluiu seu mestrado em filosofia.

No seu retorno para Erfurt, enfrentou uma terrível tempestade, um raio caiu ao seu lado e ao cair no chão, exclamou: “Ajuda-me, querida Santa Ana, e eu te prometo que, logo a seguir me tornarei monge! ”. Lutero sentia-se constrangido pela sua consciência a cumprir a promessa que fizera, e assim, no dia 17 de julho de 1505, dirigiu-se para o convento dos monges agostinianos em Erfurt, para ser admitido como frade. Ainda em 1507, recebeu a ordenação sacerdotal. Como padre, pensava que poderia realizar perante Deus obras ainda maiores e mais sublimes. Após quatro semanas em Roma, retornou a Wittenberg onde foi convidado a receber o grau de doutor em Teologia. Assim em outubro de 1512, colocou o grau de doutor em teologia.

Quando preparava suas aulas, encontrou a paz interior que não conseguia nos ritos, nos atos ascéticos ou na famosa Teologia Germânica dos místicos... A leitura do verso 17 do capítulo 1 de Romanos convenceu-o de que somente pela fé em Cristo era possível alguém tornar-se justo diante de Deus. A partir daí a doutrina da justificação pela fé e a sola scriptura, a ideia segundo a qual as Escrituras são a única autoridade para o pecador procurar a salvação, passaram a ser os pontos principais de seu ensino teológico.⁵⁴

⁵³ GOEDERT, 1987, p.75

⁵⁴ CAIRNS, 2008, p. 234.

O batismo é um dos temas mais controversos da história do Protestantismo, é um tema que sempre gerou discussões intensas em vários momentos ao longo da história da Igreja. Assim sendo, tomamos como base textual para as observações feitas a respeito do tema batismo aspectos da história da assim chamada "descoberta reformatória" ou também chamada "virada reformatória" na teologia de Lutero. Levamos em conta o Sermão de Lutero sobre o Venerabilíssimo Sacramento do Batismo de 1519, o escrito do Cativoeiro Babilônico da Igreja de 1520 e uma correspondência de Lutero sobre o rebatismo de 1528.

A Igreja nasce do batismo: tão óbvio, tão antigo e tão impactante. A comunidade cristã é a comunidade de pessoas batizadas. Pessoas pertencem a uma comunidade cristã, porque foram batizadas. A comunidade cristã nasce do batismo. O batismo é o útero da comunidade cristã. Sem batismo não há comunidade cristã. Se isso é verdade, não pode haver, na vida de uma comunidade cristã, qualquer coisa mais importante do que uma prática abrangente e responsável do batismo.⁵⁵

Uma leitura rápida dos textos mencionados revela que Lutero, desde cedo, operou com algumas categorias ou elementos, em parte herdados da tradição e modificados, e em parte forjados a partir de suas próprias pesquisas, que norteavam as suas exposições sobre o tema do batismo. A primeira e mais forte das impressões que fica em quem lê os textos de Lutero sobre o batismo e os sacramentos é a frequência, fora do comum, com a qual ele opera com os termos *promissio* e *fides*. A compreensão de Lutero do que vem a ser a absolvição de pecados a partir de Mt 16.19 e, a partir disto, do que vem a ser um sacramento, *promissio* e *fides*.

Celebrado em obediência ao nosso Senhor, o batismo é um sinal e um selo do nosso empenho comum de discípulos. Através do seu próprio batismo, os cristãos são conduzidos a união com Cristo, com cada um dos outros cristãos e com a Igreja de todos os tempos e de todos os lugares. O nosso batismo comum, que nos une ao Cristo na fé, é assim um vínculo fundamental de unidade, por isso o batismo constitui um apelo dirigido às Igrejas, para ultrapassarem as suas divisões e manifestarem visivelmente a sua comunhão.

Mc 1,8 Eu vos batizei com água - ele, porém, vos batizará com Espírito Santo. Mt 3,11 Eu vos batizo com água para a conversão [. . .] Ele vos batizará com Espírito Santo e fogo. Lc 3,16 Eu vos batizo com água [...] Ele vos batizará com Espírito Santo e fogo. Jo 1,33 Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer; este é o que batiza com Espírito Santo. At 1,5 (referindo-se a uma palavra de Jesus) João batizou com água, mas vós sereis batizados com Espírito Santo, não depois de

⁵⁵ WACHHOLZ, 2006 p 109

muitos desses dias. At 11,16 Lembrei-me então da palavra do Senhor, como dizia: João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com Espírito Santo. 1 Co 12,13 Pois fomos nós todos batizados num só Espírito em um corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e a todos nós foi dado beber de um Espírito⁵⁶.

Pelo que se pode deduzir destes textos, o Batismo no Espírito Santo, é um evento divisor de épocas, pois separa o tempo de João Batista, em que se batizava com água, do tempo de Jesus, no qual o batismo é com o Espírito. Batismo com água e o Batismo no Espírito Santo são duas coisas distintas. O Batismo no Espírito Santo não é simplesmente mediado pelo batismo em água, na formulação dos textos de (Mc 1,8 e At 1,5.) "Eu vos tenho batizado com água. Ele, porém, vos batizará com Espírito Santo". Os pentecostais deixam claro que a frase não atesta que Jesus batizará "com água e Espírito Santo". O Batismo no Espírito Santo, quando citado por João ou Jesus, nunca vem citado como incorporado ao batismo em água.

A finalidade do Batismo no Espírito Santo é o revestimento dos cristãos com poder espiritual para cumprir com sua missão de testemunhar Jesus Cristo para o mundo, e viver os dons do Espírito para a edificação das comunidades.

Dada essa interpretação que fez, a partir da Bíblia, dos sacramentos católicos, Lutero afirmou que “temos somente dois sacramentos: o Batismo e o Pão. Vemos que somente neles foi intuído divinamente o sinal e o prometido perdão dos pecados”. Assim, o Batismo e a Eucaristia foram os únicos sacramentos aceitos por ele. Por vez, denunciou que esses sacramentos também se encontravam aprisionados pela Igreja romana e administrados conforme seus interesses. Fez ainda, várias críticas à forma como esses sinais sagrados eram ministrados, que iam contra sua forma original, estabelecida por Jesus e seu real significado.

No que tange ao Batismo, Lutero (2006) admitiu-o como sacramento por considerar que o mesmo também comportava os elementos básicos que caracterizam um sacramento: a instituição por Cristo, a promessa, o sinal exterior e a fé que recebe a promessa. Para Lutero, Cristo instituiu o Batismo quando pediu para João Batista batizá-lo para iniciar sua vida pública e ordenou que os cristãos procurassem também pelo batismo, prometendo as bênçãos divinas sobre o batizado.

O sacramento do Batismo foi defendido já no primeiro cânone do IV lataranense, como a consagração em água que invoca a Trindade – “o Pai, Filho e Espírito Santo - e traz a salvação para as crianças e os adultos quando é realizada .A promessa em relação ao Batismo foi defendida pela Igreja e por Lutero com base na afirmação de

⁵⁶ WACHHOLZ., 2006, p 7

Cristo registrada no livro de Marcos: “Quem crer e for batizado será salvo” (Mc 16,16). Por essa afirmação, Lutero (2006) identificou também o elemento da Fé, colocando que de nada adianta o Batismo, senão existir a fé, a crença no sacramento, no cumprimento da promessa. O reformador identificou no Batismo o sinal da instituição divina, que é para ele, a própria submersão na água, donde provém também o seu nome.⁵⁷

Lutero defendeu a validade permanente do batismo, da promessa de salvação conexa a ele, colocando que era a fé na promessa que garantia a eficácia deste sacramento e que uma vez atingida, não perde seu valor. No entendimento de Lutero, assim como da Igreja, o Batismo significa morte e ressurreição. A submersão na água significa a “morte do velho homem” e a emersão, significa a vida, o surgimento de um “novo homem”. Ensinava que, “essa morte e ressurreição denominamos de nova criatura, regeneração e nascimento espiritual”. Seguindo com suas críticas ao Papa e à Igreja, Lutero expôs que a maioria dos cristãos não conhecia o real significado do Batismo, a glória e o ideal de liberdade cristã desse sacramento, por causa da tirania do Papa.

As críticas feitas pelo reformador em torno do Batismo se referem mais aos significados do mesmo que, para Lutero, se encontrava cativo nos domínios da Igreja e em especial, do Papa. Ao apontar essas críticas, apontou também novas compreensões, novos significados para esse sacramento, que estão intimamente relacionados com a fé e a promessa, que tornam o batismo válido durante todo o curso da vida, bem como um ato de recusa ao pecado e de comunhão com Deus, o que deveria ser sempre lembrado e praticado com fé. Assim, no entendimento de Lutero, “o Batismo bastaria por todos os sacramentos que devemos usar enquanto vivermos”⁵⁸

3.4.1.1 O batismo de crianças no Luteranismo

Um último elemento estrutural da compreensão luterana se encontra na defesa e manutenção do batismo de infantes, que justamente encontrou sua fundamentação maior no entendimento que Lutero tinha de promissio e fides. Inclusive este se tornou um dos poucos pontos em que a CA (Constitutiones Apostolorum) insistiu (art. 9): “[...] também se devem batizar as crianças, as quais, pelo batismo, são entregues a Deus e a ele se tornam agradáveis”, reafirmando que os luteranos não seguem os anabatistas e nem se encontram na contramão da

⁵⁷ <https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/view/28248/15882> p 166 a 167

⁵⁸ Idem, p167

história da Igreja, mas sim, que seguem o ensino e a práxis vigentes no Ocidente e no Oriente desde a Igreja Antiga.

Num primeiro momento, Lutero não apresenta o ensino bíblico, mas uma fundamentação baseada na história da igreja, que o batismo infantil agrada a Cristo. Lutero menciona a si mesmo, testemunhando que ele, que também fora batizado como criança e recebeu pela graça de Deus a capacidade de interpretar a Escritura e conhecer a Cristo, o que não pode suceder sem o Espírito Santo. Negar o batismo de infantes é colocar-se, por assim dizer, na contramão da história de Deus com sua igreja aqui no mundo. Embora Lutero não tenha apresentado a fundamentação bíblica de sua visão do batismo de infantes no Catecismo Maior, ela pode ser encontrada em uma série de outros escritos. Quanto a pergunta se crianças podem ou não crer, no Catecismo Maior, Lutero deixa transparecer claramente sua convicção de que as crianças não podem ser excluídas da fé, o que se vê na seguinte formulação: "[...] levamos a criança ao batismo com o ânimo e na esperança de que ela creia, e rogamos que Deus lhe dê a fé".

A partir disso, Lutero rebate o argumento dos Anabatistas, de que as crianças não podem crer por não possuírem razão. Ele afirma justamente o contrário: porque a fé não pode ser produzida pelo ser humano, as crianças são ainda mais abertas para o agir salvífico de Deus do que os adultos. O batismo de crianças é "o mais seguro dos batismos"⁵⁹

3.4.2 Sacramento do Batismo na teologia de Zuínglio

Ulrico Zuínglio, pai da tradição reformada, nasceu no ano de 1484 em Wildhaus, condado de Toggenburg, na Suíça. Com dez anos foi estudar na Basileia, em 1506 foi ordenado sacerdote em Glarus, e em 1516 foi transferido para o santuário de Einsiedeln onde teve um encontro como Erasmo de Rotterdam. Tornou-se um famoso pregador e assumiu em janeiro de 1519 a Catedral de Zurique. Em 1525, Zuínglio publicou *Commentarius de Vera et falsa religione* ao rei Francisco I, da França, e *Von der Taufe, von der Widertaufe und von der Kindertaufe* (Do batismo, do rebatismo e o batismo de criança)⁶⁰.

A compreensão batismal de Zuínglio, como testemunho de fé ou voto público, colocava o batismo infantil em questão. Porém, a partir de 1524, o reformador passou a defender o batismo de crianças com base na teologia da Aliança, considerando o sacramento como a circuncisão dos cristãos. Em 1525, essa concepção de Zuínglio provocou confrontos

⁵⁹ WACHHOLZ, 2006, p 95

⁶⁰ KLEIN, 2005, p. 35-43

com os anabatistas, que não reconheciam os cristãos, exceto eles mesmos. Zuinglio então, lamenta a inovação da prática rebatismal: “ *Se a qualquer cabeça- dura que tem uma nova ou estranha opinião se permite reunir uma seita em torno de si , divisões e seitas se tornariam tão numerosas que o corpo de Cristo se quebraria em pedaços .A Igreja de Cristo nunca o autorizou rebatizar, pois não há justificação para o rebatismo*”, e defende que o batismo cristão foi instituído por João Batista, travando uma longa polêmica com os anabatistas em torno do texto de Atos 19 ⁶¹.

Enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo atravessou o planalto e chegou a Éfeso. Aí encontrou alguns discípulos e perguntou-lhes: “Vós recebestes o Espírito Santo quando abraçastes a fé? ” Eles responderam: “Nem sequer ouvimos dizer que existe Espírito Santo! ”Então Paulo perguntou: “Que batismo então recebestes? ” Eles responderam: “O batismo de João” Paulo disse-lhes: “João administrava um batismo de conversão, dizendo ao povo que acreditasse naquele que viria depois dele, isto é, em Jesus”. Tendo ouvido isso, eles foram batizados no nome do Senhor Jesus. Paulo impôs-lhes as mãos, e o Espírito Santo desceu sobre eles. Começaram então a falar em línguas e a profetizar. Ao todo, eram uns doze homens.

3.4.3 Calvinismo e o Sacramento do Batismo

João Calvino foi um teólogo, líder religioso, escritor francês e pai do Calvinismo, reforma protestante que impôs hábitos austeros e puritanos aos seus seguidores, que atingiu a maior parte dos países da Europa Ocidental.

Calvino nasceu em Noyon, na região da Picardia, no Norte da França em 1509. Aos seis anos de idade ficou órfão de mãe, sendo confiado aos cuidados de um aristocrata amigo da família. Ainda adolescente foi enviado para a Universidade de Paris para estudar Teologia, onde entrou em contato com as ideias de Martinho Lutero.

Calvino reconhece a autoridade singular das Escrituras, mas não exclui a contribuição da tradição antiga expressa nos concílios, pois tais concílios contêm uma interpretação pura e verdadeira das Escrituras. Calvino entende sua teologia sacramental na perspectiva do pensamento de Santo Agostinho, que ensina ser o sacramento o sinal visível de uma coisa sagrada, ou, a forma visível de uma graça invisível. Para ele o sacramento não depende da dignidade do ministro, mas da ação do Espírito Santo, assim como Zuinglio, reconhece somente dois sacramentos, no que diz respeito ao batismo e a Ceia do Senhor, que é um sacramento da Nova Aliança que corresponde ao rito da circuncisão no Antigo Testamento⁶².

⁶¹ KLEIN, 2005, p. 47-49

⁶² Idem, p. 88-89

Calvino escreve que no batismo:

Deus ao regenerar-nos incorpora-nos a sua Igreja e nos faz seus por adoção. E sua breve Instrução Cristã “, afirma que “O Senhor ordena que os seus sejam batizados pra remissão dos pecados São Paulo ensina que Cristo santifica pela Palavra de Vida e purifica pelo Batismo de água a Igreja da qual ele é o esposo⁶³

Zuinglio e Calvino aprovam a prática do batismo de crianças, “*Porque sendo pecadores, têm necessidade da remissão dos pecados*”. O batismo pode ser administrado por imersão tríplice ou única ou por efusão e não deve ser repetido, Calvino rejeita a concepção sacramental donatista e as práticas anabatistas⁶⁴.

Batizamos crianças, mesmo quando não possam expressar o desejo de serem batizadas, nem responder a perguntas sobre a renúncia ao mal ou declarar a profissão de fé. Batizamos crianças nascidas em famílias-membros da comunidade, porque confiamos na graça de Deus que nos é oferecida, sem que a tenhamos solicitado, entendido ou merecido. Com essa prática, sabemos-nos na companhia da igreja dos primórdios, que batizava recém-convertidos com “toda a sua casa” (At 16.15; 16.33; 18.8; 1Co 1.16), conceito que provavelmente incluía as crianças, os escravos e os filhos e filhas destes. Ao batizar crianças, a igreja afirma “a natureza familiar ou corporativa do cristianismo”, e assume o compromisso de empenhar todo seu esforço para, através da educação cristã, conduzi-las a uma vida de fé, confiando firmemente no poder, na assistência e na graça de Deus para este fim.⁶⁵

No batismo, enquanto Zuinglio considera-o apenas uma “*cerimônia extern* , isto é , um sinal externo a que nós somos incorporados e enxertados no Senhor Jesus Cristo e comprometidos a segui-lo, não é o batismo que nos salva, mas uma nova vida”, para Calvino os que opinam que “*o batismo não é outra coisa que um sinal ou marca , estes não tem presente o principal do batismo , isto é , que devemos recebe-lo com a promessa de que todo aquele que crer e for batizado será salvo*”⁶⁶ .

Para os protestantes, a iniciação também acontece no batismo. Entre as várias igrejas (batistas, luteranas, presbiterianas, pentecostais, neopentecostais, etc.), há diferenças em relação à idade em que a pessoa é batizada. Assim como em outras religiões, também acontece no protestantismo uma cerimônia, onde a criança ou o adulto é imerso completamente em

⁶³ KLEIN, 2005, p. 90

⁶⁴ Idem, p. 88-89

⁶⁵ KIRST, 2008, p. 40

⁶⁶ KLEIN, 2005, p. 88

água. Durante o ritual, o crente deve responder às perguntas do pastor. As cerimônias protestantes seguem um ritual semelhante ao do batismo de Jesus Cristo, realizado no rio Jordão. Na Igreja Batista, o batismo só acontece quando a pessoa a ser batizada manifesta a sua vontade. O teólogo Protestante Wayne Gruden, afirma:

O modelo revelado em vários textos do Novo Testamento mostra que somente os que fazem uma profissão de fé digna de crédito devem ser batizados. Essa posição é muitas vezes chamada “batismo de convertidos”, já que defende que somente os que creram em Cristo (ou, mais especificamente, os que deram provas razoáveis de terem crido em Cristo) devem ser batizados. A razão disso é que o batismo, que é um símbolo do início da vida cristã deve ser ministrado apenas aos que de fato iniciaram a vida cristã. (GRUDEN, 2000, p. 816).⁶⁷

3.4.4 Dimensão ecumênica do Batismo

O batismo está intrinsecamente ligado à Igreja. Portanto, ao falar do batismo e da doutrina que explicita seu significado, é preciso falar também da doutrina da Igreja, ou seja, da eclesiologia. A Confissão de Augsburgo (CA) reza no seu sétimo artigo: "Ensina-se também que sempre haverá e permanecerá uma única santa igreja cristã, que é a congregação de todos os crentes, entre os quais o evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o evangelho. Assim, os evangélicos de índole luterana destacaram sua contínua pertença à Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica, conforme o Credo Niceno-Constantinopolitano de 381"⁶⁸. “Há um só corpo e um só Espírito, como também é uma só a esperança à qual fostes chamados. Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, acima de todos, no meio de todos e em todos. (Ef 4,4-6)”.

O CMI, (Conselho Mundial de Igrejas) fundado em 1948, é composto por mais de 340 igrejas, representando milhões de cristãos e cristãs. A Igreja Católica Apostólica Romana, embora não membro, colabora em muitos aspectos, especialmente através da Comissão de Fé e Ordem, onde, desde 1968, seus doze representantes têm voz e voto pleno, e do Grupo Misto de Trabalho, criado em 1965.

⁶⁷ <http://cidadeviva.org/portal/wp-content/uploads/2015/02/Batismo.pdf> p 15

⁶⁸ WACHHOLZ, , 2006 p 214

4. Conclusão

A palavra Batismo tem origem grega e significa imergir, afogar, afundar, assumindo assim o sentido de lavar, destruir, purificar. O batismo é um dos sacramentos instituídos por Jesus Cristo. Conforme o livro dos Atos dos Apóstolos, a primeira orientação sobre o batismo foi dada pelo apóstolo Pedro.

Pesquisas sobre a origem do batismo descartam a hipótese de o batismo ter derivado de cultos místicos helênicos e orientais, e focam nas tradições judaicas, embora, o batismo judaico não possa ser considerado o antecessor do batismo cristão, devido às incertezas em relação à sua data de origem (50 a.C. a 50 d.C.?). O batismo realizado pelos essênios também não é considerado um predecessor do batismo cristão, por se tratar de banhos para purificação de uma minoria seleta de judeus, que podia ser repetido.

Deste modo, resta somente o batismo de João Batista, que parece ser o antecessor imediato do batismo cristão. Era popular e para todos, de penitência e, orientado para a comunidade, tornou-se o rito de iniciação cristã, pois reflete o batismo de Jesus realizado no rio Jordão. O batismo foi a forma encontrada pela Igreja para romper a tradição judaica da circuncisão e mostrar uma novidade para os cristãos.

Neste contexto, a água é um elemento fundamental deste sacramento, pois simboliza a vida e a purificação, que é a principal característica do sacramento. Nas igrejas cristãs, no início dos séculos, a água era benta sempre que se celebrava o batismo. Essa prática ainda acontece em algumas igrejas, porém, na reforma litúrgica do Vaticano II ficou definido que, fora do tempo pascal, a água deverá ser benzida na própria celebração do batismo.

A prece de celebração do sacramento faz referências às águas do dilúvio, do mar vermelho e do rio Jordão. O dilúvio, pois marca o início de um mundo novo, livre de pecados. As águas do mar vermelho relembram o momento em que o povo hebreu saiu do Egito através do mar e representam a passagem para a vida nova. As águas do rio Jordão, simbolizam o Novo Testamento e o batismo de Jesus, testemunhado nos evangelhos sinóticos. A partir, deste último, chegamos ao batismo realizado por João Batista.

João Batista é peça fundamental na disseminação do batismo, tanto para a catequese primitiva, quanto para a teologia patrística. Lucas evidencia a atuação de João Batista na disseminação do batismo cristão e menciona que João percorria toda a região do Jordão pregando a importância do batismo para a conversão e perdão dos pecados.

E neste ponto, é relevante lembrar que Jesus não precisava ser batizado, mas o recebe, cumprindo a vontade do Pai. O batismo de Jesus no rio Jordão anuncia e prepara o batismo,

que acontecerá mais tarde na cruz, estabelecendo sua vida pública entre dois batismos. A partir destes dois batismos, o sacramento ganhou força e se perpetuou.

Na Didaqué, um escrito dos primórdios do cristianismo, encontram-se instruções sobre o batismo, e conforme os documentos, o sacramento deve ser realizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, com água corrente. Avançando na história, as catequeses batismais foram amplamente desenvolvidas pelos Padres da Igreja, nos séculos IV e V, um período central para a literatura patrística. É certo que a Igrejas Antigas e Medieval, além do batismo e da Ceia do Senhor, conheciam muitos outros atos sagrados igualmente chamados de Sacramentos, que ao longo da história chegaram a doze. Santo Agostinho define sacramento como sinal de uma coisa sagrada, e defende que a dignidade do sacramento não depende da dignidade do ministrante, pois a graça e o sacramento são sempre de Deus.

Existem vários documentos, dos primeiros séculos, que tratam sobre o entendimento ,e a importância do batismo para os cristãos, entre os significados atribuídos ao sacramento, estão: romper com uma vida de pecados, renascer participando com Jesus da cruz e ressurreição, e rito de iniciação da vida cristã.

Em 380, ao se tornar a religião oficial do Império Romano, o cristianismo perdeu sua força profética ao se aliar ao poder político e as pessoas passaram a querer o batismo para estar de acordo com o Estado. As ideias dos primeiros cristãos a respeito do batismo continuavam vivas, mas as mudanças na sociedade evidenciavam outras maneiras de entender a importância do batismo. O sacramento era tido como uma forma de salvação, inclusive salvação da alma, ou como meio de pertencer a sociedade, pois quem não era batizado era inimigo do Estado⁶⁹.

No protestantismo, o batismo é um dos temas mais controversos e sempre gerou discussões intensas, em vários momentos ao longo da história da Igreja. Tomando como base as observações feitas a respeito do tema "batismo" na teologia de Lutero, observamos que, para ele, a Igreja nasce do batismo, sendo que a comunidade cristã é a comunidade de pessoas batizadas.

A primeira e mais forte das impressões que fica em quem lê os textos de Lutero sobre o batismo e os sacramentos é a frequência com a qual ele opera com os termos promissio e fides. Celebrado em obediência ao nosso Senhor, o batismo é um sinal e um selo do nosso empenho comum de discípulos.

⁶⁹ DONZELLINI, 2016 , p 58

A finalidade do batismo no Espírito Santo é o revestimento dos cristãos com poder espiritual para cumprir sua missão de testemunhar Jesus Cristo para o mundo, e viver os dons do Espírito para a edificação das comunidades. Dada essa interpretação, a partir da Bíblia e dos sacramentos católicos Lutero afirmou que “temos somente dois sacramentos: o Batismo e o Pão”.

No que tange ao Batismo, Lutero admitiu-o como sacramento, por considerar que o mesmo também comportava os elementos básicos que caracterizam um sacramento: a instituição por Cristo, a promessa, o sinal exterior e a fé que recebe a promessa. Para Lutero, Cristo instituiu o batismo quando pediu para João Batista batizá-lo para iniciar sua vida pública e ordenou que os cristãos procurassem também pelo batismo, prometendo as bênçãos divinas sobre o batizado.

Um último elemento estrutural da compreensão luterana se encontra na defesa e manutenção do batismo de infantes, que justamente encontrou sua fundamentação maior no entendimento que Lutero tinha de promissio e fides. Lutero não apresenta o ensino bíblico, mas uma fundamentação baseada na história da igreja. Para ele, o batismo infantil agrada a Cristo e negar o batismo de infantes é colocar-se, por assim dizer, na contramão da história de Deus com sua igreja.

Ulrico Zuínglio, pai da tradição reformada, colocava o batismo infantil em questão. Porém, a partir de 1524, o reformador passou a defender o batismo de crianças com base na teologia da Aliança, considerando o sacramento como a circuncisão dos cristãos.

Já Calvino, que foi teólogo, líder religioso, escritor francês e pai do Calvinismo, reforma protestante que impôs hábitos austeros e puritanos aos seus seguidores, aprovava assim como Zuínglio a prática do batismo de crianças, “*Porque sendo pecadores, têm necessidade da remissão dos pecados*”. Para ele, o batismo podia ser administrado por imersão tríplice ou única, ou ainda por efusão e não deveria ser repetido.

Na dimensão ecumênica do batismo, no cristianismo, pertencer à Igreja cristã é resultado da ação de Deus por meio do batismo. Na origem da existência da Igreja cristã está, portanto, a unidade arraigada no batismo, e ao falar do batismo e da doutrina que explicita seu significado, é preciso falar também da doutrina da Igreja, ou seja, da eclesiologia.

Todavia, na era da globalização, séculos XX e XXI, a igreja já não se identifica mais com o poder a configuração religiosa no mundo sofreu alterações bastante relevantes. As pessoas passaram a possuir diversas opções religiosas e o cristianismo passa a ser uma, entre tantas outras religiões.

Neste contexto, do século XXI, é possível ser cidadão e não pertencer a igreja, uma grande mudança em relação à Igreja dos primeiros séculos. Por isto, a importância do batismo se alterou novamente, criando em torno do batismo diversas crenças, mas é preciso lembrar que o batismo é um compromisso, que não deve ser confundido com um ato social. O batismo não é uma festa para celebração do nascimento de um filho ou apresentação do bebê à comunidade. O batismo não é uma obrigação, é um rito para a iniciação na vida cristã. Ao batizar uma criança, os pais cristãos têm por obrigação educar os filhos na fé, mas isto não se resume a apenas este único sacramento.

Por fim, é preciso reforçar que a importância do batismo no cristianismo tem suas origens no batismo de Jesus, que é marcado pelo início da sua libertação, primeiro pelo ritual realizado no Jordão e na sequência na crucificação, que marca a passagem da morte para a vida, por isto a comunidade associa o batismo à ressurreição. A descida do Espírito Santo sobre Jesus faz eco as profecias e anuncia Pentecostes, que marcam a inauguração do batismo no Espírito, para a Igreja e para todos os que entrarem nela.

5. BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA . Edição Pastoral .São Paulo: Edições Paulinas, 1990.

CNBB. **Cristãos no mundo: 2,18 bilhões de pessoas dizem professar a fé cristã segundo instituto.** Disponível em: <http://cnbb.net.br/cristaos-no-mundo-7-bilhoes-de-pessoa-dizem-professar-a-fe-crista-segundo-instituto-de-pesquisa-pew-research/>. Consultado em 03 de setembro de 2017.

CODINA, Victor; IRARRAZAVAL, Diego. **Sacramentos de iniciação.** São Paulo: Vozes, 1991.

DIDAQUÉ. São Paulo: Paulus, 1989.

ESTÉVEZ, Jorge Card. Medina. **Por que devo batizar meu filho?** São Paulo: Edições CNBB, 2013.

FRAZÃO, Dilva. **João Batista.** Disponível em: https://www.ebiografia.com/joao_batista/ consultado 31 de março de 2018.

GOEDERT, Válder Maurício. **Teologia do batismo.** São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

KLEIN, Carlos Jeremias. **Os Sacramentos da tradição reformada.** São Paulo: Fonte editorial, 2005.

LAURENTIN, René. **João Batista: o precursor do Messias.** São Paulo: Edições Paulinas, 2007.

TERTULIANO. O sacramento do batismo: teologia pastoral do batismo segundo Tertuliano. Petrópolis: Vozes, 1981.

CIC . Catecismo da Igreja Católica , Edição Loyola , Brasil 2000

CAIRNS, E. E. O Cristianismo através dos séculos: uma história da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 2008

KIRST,Nelson .Livro de batismo / Organização. – 2. ed. rev. e atual. – São Leopoldo: Oikos, 2008.

MILÃO, Ambrósio. **Patrística.** São Paulo: Paulus, 1996.

DONZELLINI, Ir. Mary :Batismo: anúncio-conversão- compromisso .São Paulo: Paulus 2016

MUNIZ, Tamiris Alves; DUARTE, Terezinha Maria. **Lutero e os sete sacramentos da igreja.** Goiás: Revista Emblemas, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/view/28248/15882>. Consultado em 03 de abril de 2018.

NOLAN, Albert. **Jesus antes do cristianismo.** São Paulo: Paulus, 1987.

PAGOLA, Jose Antonio. **Jesus aproximação histórica**. Petrópolis: Vozes, 2012.

PETITFILS, Jean-Christian. **Jesus a biografia**. São Paulo: Benvirá, 2015.

Disponível em ,2008 file:///C:/Users/joao-/Desktop/livro-de-batismo%20(1).pdf

Livro de batismo / Organização: Nelson Kirst. – 2. ed. rev. e atual. – São Leopoldo: Oikos

ROCCHETTA, Carlos. **Os sacramentos da fé**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

Disponível em ,<http://cidadeviva.org/portal/wp-content/uploads/2015/02/Batismo.pdf>

RADIO VATICANO. **Anuário Pontifício 2017 revela os dados da Igreja no mundo**.

Disponível em:

http://br.radiovaticana.va/news/2017/04/07/anu%C3%A1rio_pontif%C3%ADcio_2017_rev ela_os_dados_da_igreja_no_mundo/1304226. Consultado em 03 de setembro de 2017.

TAMAYO, Juan José. **Novo dicionário de Teologia**. São Paulo: Paulus, 2009.

WACHHOLZ, Wilhelm (coord)., Batismo, teologia e prática , - São Leopoldo: E S T, 2006.